

No Sul, o desespero e a humilhação

PORTO ALEGRE — Milhares de pessoas buscam diariamente os serviços do segundo maior Posto de Atendimento Médico do Inamps no País — o PAM-4, na Vila IAPI. Lá, os segurados encontram dificuldades proporcionais ao gigantismo do prédio: cada consulta custa horas de espera, não raramente marcadas por cenas de desespero.

Dorvalina da Cunha Cardoso, uma aposentada de 68 anos, estava na fila na madrugada de quarta-feira. Saíra de uma cidade do Interior em busca de ajuda para um problema na visão, que a cada dia fica mais turva. Era a terceira vez que tentava uma consulta com o oftalmologista:

— Chego sempre de madrugada, mas não consigo nada. São poucas fichas para muitos doentes — disse.

Na mesma fila, Dalila Monauer, de 58 anos, contou que antes eram 16 ou 18 fichas por médico oftalmologista, mas agora são apenas oito. Dalila também tentava ser atendida pela terceira vez. Ela lembrou que, recentemente, levara 15 dias para conseguir tirar uma radiografia do estômago. E, revoltada, denunciou que há pessoas que cobram para guardar lugar na fila:

— Um vizinho meu, há pouco tempo, cobrava Cr\$ 50 para fazer isso.

A costureira Eva Dias já perdeu a conta do número de vezes que passou a noite toda na fila. Disse que até perdeu o emprego, pois acabava chegando atrasada ao trabalho.

— É vergonhoso ver pessoas gravemente enfermas, muitas delas idosas, passando a noite no frio e até mesmo sob a chuva, na fila do lado

de fora do prédio. A gente acaba saindo daqui mais doente ainda — afirmou Eva.

Na frente dela, um menino de 3 anos dormia no chão, protegido pelo casaco de sua mãe, Madalena Gregory, que aguardava ansiosa, desde as 5h30m, o início da distribuição de fichas para consulta com um otorrinolaringologista. O menino estava com dor de garganta e febre.

À medida que o tempo passava, a tensão na fila aumentava. Quando um guarda abriu as portas do posto, houve grande correria para as filas nos dez guichês. Surgiam discussões por todos os lados. Começava, assim, o segundo ato do drama: a consulta.

— Tem médico que, antes de olhar para a gente, já está com a receita pronta — reclamou a paciente Cléa Chaves, de 40 anos.

Jucelaine de Mello, na mesma fila, não perdeu a oportunidade de criticar o atendimento dos funcionários:

— São uns animais cheios de má vontade.

As fichas começaram a ser distribuídas pouco antes das 7h, quando deveriam começar as consultas. Dorvalina Cardoso teve sorte, pois o médico dela foi o único que chegou no horário. Às 7h15m, depois de uma enfermeira arrumar seu consultório, o médico Simão Spring passou a receber seus pacientes. Todos os seus colegas chegaram, no mínimo, 45 minutos atrasados. São eles Salomão Siminovich, Paulo Queruz, Ivete Garramones, Telmo Medvedovski, Carlos Mesquita e Eduardo Almeida.